

## NA QUEBRADA DA PISTA: PRECARIEDADE DA VIDA E TRABALHO SEXUAL NA CIDADE DE JUIZ DE FORA.

### **Dandara Felícia Silva Oliveira**

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Pesquisadora do GEDIS/CNPq e Colaboradora do CeR-LGBTQI+ da UFJF, dandaradoxum@gmail.com;*

### **Marco José de Oliveira Duarte**

*Professor Orientador: Pós-Doutor, Professor Adjunto da Faculdade de Serviço Social e do Corpo Permanente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF e Docente Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Pesquisador do CNPq, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Gênero, Diversidade e Saúde: Políticas e Direitos (GEDIS/CNPq) e Coordenador do Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+ - CeR-LGBTQI+ da UFJF, marco.duarte@uffjf.br*

### **Resumo**

Trata-se de comunicação oral acerca de uma pesquisa em andamento sobre transvestigeneridades, trabalho e prostituição. A investigação busca problematizar os conceitos de transvestigêneres e de precariedade da vida, tendo como campo e sujeitas, as trabalhadoras sexuais transvestigêneres na cidade de Juiz de Fora-MG. A partir de uma frente de trabalho do Centro de Referência LGBTQI+ da UFJF, após o início da pandemia da COVID-19, criou-se um grupo das trabalhadoras sexuais transvestigêneres, que demandava ajuda no enfrentamento da pandemia. Assim, metodologicamente, parte das contribuições teórico-conceituais de Judith Butler e Lélia Gonzalez, analisando, a partir da perspectiva da interseccionalidade, os marcadores de diferença e de opressão, como gênero, raça,

classe, sexualidade e território com o sentido da prostituição como trabalho inserido nas relações sociais. Toma-se a revisão integrativa de literatura para o trato das transvestigêneres e a prostituição, bem como o trabalho de campo, com observação e entrevistas semi-estruturadas com transvestigêneres trabalhadoras de sexo. Essas, a partir da análise do discurso, pretende-se entender a precariedade de vida dessas sujeitas e suas corpos no trabalho da pista, bem como analisar o reconhecimento de sua profissão na rua enquanto trabalho. Toma-se uma produção da escrita e dos dados inseridas na escrevivência, assim como pautada por Conceição Evaristo, abarcando a implicação da pesquisadora na escrita de si.

**Palavras-chave:** travestilidades, transvestigêneres, trabalho sexual, precariedade da vida, interseccionalidade.

## Introdução

A pesquisa qualitativa tem como escopo principal a precariedade da vida, tomando como referência o conceito de Judith Butler e o conceito de lixo falante de Lélia Gonzalez, a fim de determinar o nível de acesso e de garantia de acesso à vida garantido pela sociedade às transvestigêneres trabalhadoras sexuais da cidade de Juiz de Fora. Busca-se analisar também o nível de entendimento e de organização do trabalho dessas pessoas com o intuito de fomentar dados e possibilidades criadoras de organização para a defesa de direitos e do trabalho na prostituição dessas sujeitas além de facilitar a construção de políticas públicas voltadas a essa população.

Por ser tratar de um projeto de pesquisa em andamento, a princípio, nossa produção de dados, dar-se-á através de entrevistas semiestruturadas, tomando como universo o conjunto de 10 (dez) transvestigêneres que já estão organizadas em um grupo de *WhatsApp* que teve sua criação orientada pelo Centro de Referência de Promoção da Cidadania de LGBTQI+ da Universidade Federal de Juiz de Fora (CeR-LGBTQI+/UFJF), com o intuito de garantir recursos mínimos para a sobrevivência de quase quarenta trabalhadoras sexuais durante a pandemia da COVID-19, distribuindo cestas básicas e materiais de higiene e limpeza.

Assim, como método de análise de dados, tomar-se-á a análise de discurso, a partir das narrativas dessas informantes trabalhadoras sexuais da cidade, tomando a experiência, impressões e realidades dessas transvestigêneres.

Nossa hipótese principal é que o nível e precariedade da vida, caracterizado pelo tratamento “lixado” no conceito de Lélia Gonzalez é extremamente alto. No caso da organização do trabalho pensamos que essas trabalhadoras entendem a prostituição como trabalho organizado.

O projeto de pesquisa está em fase de solicitação para aprovação junto ao comitê de ética em pesquisa da universidade e, por enquanto, a pesquisa encontra-se na fase da revisão da bibliografia, fundamentando as bases teóricas dos conceitos, a partir da revisão da literatura.

## Metodologia

Através de uma revisão teórico bibliográfica buscamos identificar, coletar e analisar as principais contribuições sobre o tema travesti/transgênera, a fim de registrar e organizar os dados encontrados, como elaborar uma narrativa que possa sintetizar os termos estudados, mas, principalmente, o termo tranvestigêneras que utilizaremos na pesquisa.

Assim, para conseguirmos melhor aprofundamento no referencial teórico-conceitual que estrutura o objeto de pesquisa, analisamos a obra de Judith Butler, sobre o conceito de vidas precárias, visto que o mesmo foi cunhado para problematizar as decisões políticas no atual contexto neoliberal. A escolha da metodologia se dá por ser o termo bastante específico e com a necessidade de teorizar a respeito com as principais obras primárias da autora.

Cabe registrar que estamos também operando uma revisão de literatura de cunho teórico-conceitual tomando a produção intelectual das autoras feministas negras nacionais e internacionais que problematizam o conceito de interseccionalidade, que é o modo como as questões opressoras de gênero, raça, classe e sexualidade interagem e precarizam ainda mais a vida de pessoas transvestigêneras.

Desta forma, para analisar a organização das trabalhadoras sexuais no Brasil, mas em particular das travestis, estamos, nesse momento, realizando uma revisão de literatura integrativa-narrativa (DUARTE, 2020) da produção científica a partir da base de dados de publicação de periódicos das áreas de ciências humanas e sociais aplicadas, com avaliação pelo Qualis Periódicos da CAPES entre A1 e B2, além de livros, teses e dissertações nos últimos 10 anos.

Com essa etapa da pesquisa em andamento, estamos construindo o instrumento de coleta e produção de dados, para o trabalho de campo, que tomará os discursos das tranvestigêneras trabalhadoras sexuais, através de entrevistas semi-estruturadas, já que a entrevista é indicada quando a natureza da informação é fenômeno difícil de ser observado. Portanto, a entrevista será utilizada para buscar informações sobre opinião, concepções, ou sobre narrativas e histórias de vida (MANZINI, 2003).

Neste sentido, optamos em construir o referido roteiro contemplando três eixos, são esses, a saber: a) identificação e perfil: Nome,

idade, identidade de gênero, orientação sexual, raça/etnia etc; b) condições do trabalho sexual: Quanto tempo exerce a profissão?, Como começou?, Por que começou? O que pensa sobre o trabalho sexual?, Vê o trabalho sexual como trabalho?, O que acha que pode ser feito para melhorar as condições organizativas do trabalho sexual na cidade?, Onde exerce?, Quais os lugares que já exerceu? Etc; e c) condições da vida social: É inscrita no CadÚnico?, Recebe algum tipo de benefício social dos governos federal, estadual e municipal?, Qual a condição de moradia? Qual o relacionamento com a família? Desde quando sabe que é travesti?, Sofreu alguma perda por conta de ter assumido essa identidade? Já sofreu algum tipo de agressão: violência física, verbal ou psicológica/emocional?, Como foi na escola? Acredita que por ser travesti está mais sujeita a vulnerabilidade social? Pensa em se aposentar? Qual o círculo mais próximo de afeto e auxílio?

O campo propriamente dito será constituído de 10 mulheres transvestigêneres trabalhadoras sexuais da cidade de Juiz de Fora, que foram selecionadas a partir de critérios de idade, raça e tempo de “pista”<sup>1</sup>, que formam um grupo criado pelo Centro de Referência LGBTQI+ da UFJF, através do apelo das próprias sujeitas, com o intuito de organizar e conhecer essas mulheres e ajudá-las, a partir de uma rede informal de solidariedade, durante o contexto da pandemia da COVID-19. Neste contexto emerge a campanha TranSolidariedade com o intuito de recolher e distribuir materiais de higiene e limpeza, cestas básicas e contribuições em dinheiro.

Para analisar os narrativas utilizaremos a técnica de análise do discurso. A análise de discurso para além de metodologia, pode ser caracterizada como disciplina com diferentes perspectivas com pontos em comum. Segundo Gill (2002, p. 244) “o que estas perspectivas partilham é uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social”.

A autora trata da existência de quatro temas principais, a saber: a focalização do discurso em si, a linguagem considerada como construtiva, o discurso como uma forma de ação e a preocupação com a

---

1 Termo usado pelas trabalhadoras sexuais para designar o território onde realizam seu trabalho na rua.

organização retórica do mesmo. Para Carneiro (2011) o entendimento parte do princípio de que a linguagem é uma prática social não só utilizada, mas também um lugar de atuação dos indivíduos e para isso a análise do discurso facilita a possibilidade da interpretação da linguagem.

Na pesquisa em questão essa técnica é fundamental visto que existe uma linguagem característica que está ligada às transvestigêneres, seja pela tentativa de criação de linguagem segura para ação na sociedade, seja pela questão da própria organização do trabalho sexual. Assim, primeiro transcreveremos as entrevistas e a partir da transcrição, após o descarte dos elementos de repetição, as entrevistas serão analisadas com a técnica da análise do discurso para melhor compreensão e entendimento das narrativas dessas mulheres e sua percepção do nível de precariedade da vida e organização do trabalho sexual.

Para a escrita da narrativa utilizaremos a metodologia das escritivências. As escritivências, segundo Evaristo (2020), tem a genealogia do termo no mestrado em Literatura, em 1994, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), que através de um jogo entre as palavras “escrever” e “viver” e “se ver”, a criação de um termo histórico como o escritivências se dá. Para a autora, o procedimento metodológico das narrativas das escritivências está baseado num caminho que borra e subverte a imagem da negra contadora de histórias para a casa grande.

Na construção da escritivência o caminho já está trilhado e este é de autoria negra. Subverte-se o lugar de contadora de histórias ao lugar daquela que escreve a história sua e de outras que estão ou que tem caminhos marcados pelas mesmas opressões. Segundo Soares e Machado (2017), a escritivência carrega uma dimensão ética ao enunciar um lugar de um eu coletivo, como “de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativa e voz, a história de um “nós” compartilhado” (SOARES; MACHADO, 2017, p. 207).

Assim, aproprio-me da metodologia notadamente caracterizada pela escrita de mulheres negras, por me inserir na sociedade enquanto mulher negra, mas também enquanto travesti, pesquisando, ouvindo, analisando e narrando a vida e a vivência do trabalho sexual de travestis, trabalho esse que em algum momento da vida já foi também o garantidor do sustento desta pesquisadora. Faço isso porque, segundo a própria Evaristo (2020), o fato de a metodologia estar baseada na

escrita de mulheres negras “não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência” (EVARISTO, 2020, s/p.).

Por fim com o intuito de satisfazer obrigações legais e institucionais a respeito da questão da ética em pesquisa, o projeto de pesquisa estará sendo protocolado na plataforma Brasil para submeter ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFJF (CEP-UFJF).

## Referencial teórico

### Das vidas lixadas ou da precariedade da vida

Vidas precárias é o conceito trabalhado por Judith Butler para caracterizar a vida em si, mas, também, para desenvolver o conceito de enquadramento que define quais vidas são enlutáveis ou vidas que merecem ser choradas e, conseqüentemente, aquelas que não merecem. Segundo Butler (2019b, p. 59) “a precariedade como condição generalizada é baseada na concepção do corpo como alguma coisa fundamentalmente dependente, que precisa ser sustentado para que consiga se tornar uma vida vivível”.

Nesse sentido e partindo desse pressuposto de que todas as vidas são generalizadamente precárias, podemos discorrer sobre quais vidas são mais precárias, que merecem ser vividas, que merecem ser enlutadas e quais são matáveis, partindo e pensando também sobre como o olhar sobre essas vidas coloca cada uma delas em uma categoria. Em outras palavras, “de como o enquadramento pode dizer qual vida merece ser vivida e qual vida pode morrer sem ser chorada” (BUTLER, 2019b, p. 64).

É a partir da precariedade generalizada que se começa a construir quem são esses rostos. Na generalização, sabemos que o “corpo está articulado social e politicamente e tem exigências de sociabilidade como o trabalho e a linguagem que tornam sua subsistência possível” (BUTLER, 2019b, p. 16). Nesse sentido, tornamo-nos todos precários desde o nascimento, na medida em que este é por definição precário, ou seja, o fato de uma criança sobreviver ou não é importante, mas a sobrevivência depende da “rede social de ajuda” (BUTLER, 2019b, p. 32).

Essa precariedade se dá, portanto, a partir da afirmação de que existem vidas que podem ser negligenciadas e, a partir dessa afirmação, podemos perceber não só a finitude da vida, mas também a sua precariedade. Segundo Butler (2019b, p. 31), “é a partir da construção de que algumas vidas podem ser negligenciadas que se percebe que a vida requer várias condições sociais e econômicas que precisam ser mantidas para que a vida seja mantida”.

Neste sentido, podemos nos questionar e nos preocupar sobre “quais vidas serão passíveis de serem mantidas e quais esforços serão feitos para que essas vidas sejam mantidas e quais outras não serão consideradas como humanas para que possam ser passíveis de luto (BUTLER, 2019a, p. 28). Sem essa condição de ser enlutada não existe vida, ou melhor, “existe algo vivo, mas que não é uma vida, uma vida que não é preservada por nenhuma consideração, por nenhum testemunho e não terá a possibilidade de ser enlutada quando acabar (BUTLER, 2019b, p. 33).

Para Butler (2019b):

A distribuição diferencial da condição de precariedade é ao mesmo tempo uma questão material e perceptual, porque apenas as vidas que não são consideradas lamentáveis e valiosas são obrigadas a suportar a carga de fome, subemprego, da privação de direitos e da exposição à violência e à morte (BUTLER, 2019b, p. 46-47).

Esse esquema interpretativo que é realizado através do enquadramento social faz a distinção entre as vidas que são dignas de consideração através dos sentidos. É através do enquadramento da vítima que o sentido pode ser aguçado para que aquela seja uma “vida enlutável ou não” (BUTLER, 2019b, p 83). Assim, os enquadramentos normativos estabelecem “quais as vidas podem ser vividas e quais não” (BUTLER, 2019b, p. 85).

Desta maneira não é só uma dicotomia entre humanos e desumanizados, é antes a desumanização que produz a humanização do outro, é a civilização ocidental com todas as suas “regras”, contra o resto que por definição é ilegítimo (BUTLER, 2019a, p. 80). Esses enquadramentos não só definem quem pode viver, ou, segundo Butler (2019b, p. 17), “produzem a vida num continuum, mas também constroem ontologias de sujeitos específicos (BUTLER, 2019b, p. 17). Assim, podemos apreender que, em um nível mais geral, a mídia se torna responsável

em atribuir valor a uma vida para que ela seja perceptível como vida. Nesse sentido, a comoção depende de apoios sociais para o sentir. Contudo, “nós só conseguimos sentir e reivindicar a comoção social depois que já estamos inscritos nela (BUTLER, 20159b, p. 82).

Segundo Butler (2019a, p. 37-38), na dicotomia “precário/menos precário”, certas vidas serão “altamente protegidas e outras não encontrarão um suporte tão rápido de proteção”. Nesse sentido, se a violência da não proteção é cometida contra aqueles que são irreais, então, nessa perspectiva, não ocorre violência. E enquanto essas “vidas resistirem em estar animadas, serão negadas novamente e novamente”.

Portanto, parece ser necessário que de alguma maneira precisemos desafiar a mídia dominante, mas não exclusivamente, mas outros meios de comunicação, inclusive os ditos alternativos e existem, com o intuito de que essas vidas possam se tornar visíveis ou reconhecíveis em sua precariedade. Assim, é Lélia Gonzalez (1984) que nos convoca a assumir o lugar de fala com as suas implicações, o ato de falar que desafia a mídia e o poder dominantes, que assume a própria fala, ou seja, a precariedade vai falar, “o lixo vai falar, e numa boa” (GONZALEZ, 1984, p. 225).

A concordância entre as filósofas, apesar de conceitos diferentes, vidas precárias e vidas lixadas, ambas estão tratando de sujeitos concretos da pirâmide social capitalista, na perspectiva de suas singularidades, particularidades e generalidades. Assim, é necessário compreender que a política precisa perceber a precariedade como condição compartilhada e que a condição precária, politicamente induzida, fato que parece ocorrer com mais radicalidade nesse momento, expõe, de maneira diferente, os sujeitos não enlutáveis, marcados por gênero, raça, classe e sexualidade.

## Resultados e discussão

É uma pesquisa em andamento que no momento desenha seu instrumento de coleta e produção de dados, junto as transvestigêneres trabalhadoras sexuais na pista, posteriormente ao processo de apreensão, estudo e análise do seu referencial teórico. Apesar do contato com as informantes, por ocasião da entrega das cestas e kits de higiene pessoal e de limpeza no âmbito da campanha

TranSolidariedade, ainda não se configura o trabalho de campo propriamente dito, pois por conta da pandemia da COVID-19, esse tem se dado de forma pontual.

Contudo, no âmbito da referida campanha no contexto da pandemia, temos acompanhado e monitorado o referido grupo, através do aplicativo *WhatsApp* utilizado para ajuda logística e de contato da referida. O grupo se constitui por quase trinta transvestigêneres trabalhadoras sexuais da cidade de Juiz de Fora com idade entre 18 a 65 anos, sendo a maioria de travestis negras e extrema precariedade de vida, desconhecedoras de seus direitos enquanto trabalhadoras e enquanto cidadãs.

Assim, embora as meninas, como comumente são identificadas, entendam o trabalho sexual como profissão, mensagens e áudios, observadas de forma sistemática no grupo de *WhatsApp* durante algumas discussões sobre a pandemia e assuntos em geral, ainda revelam as dificuldades e limites em entender que esse trabalho pode ser regularizado. Além de outros temas, como os debates inusitados sobre o lockdown, uso de máscaras, importância de prevenção e cuidados contra a COVID-19.

## Considerações finais

Embora a pesquisa ainda esteja em estágio embrionário, estamos aprofundando o debate sobre transvestigêneres, trabalho sexual e precariedade da vida a partir das produções bibliográficas de cunho teórico e literário. Nosso intuito com a pesquisa é problematizar, compreender e demonstrar o nível de precariedade da vida de transvestigêneres trabalhadoras sexuais na cidade de Juiz de Fora, como acontece a organização do trabalho dessas pessoas.

Desta forma, acreditamos que a pesquisa nos auxiliará a trazer respostas mais contundentes para esse segmento da comunidade LGBTQI+, no sentido de seu reconhecimento enquanto sujeitas e corpos, pela ampliação de políticas públicas e referenciais de atendimento para as instituições públicas e sociais no município, no sentido de melhor conduzir o acesso, acolhimento, atendimento e garantia de direitos dessas trabalhadoras sexuais.

## Agradecimentos

Agradecemos a organização do X Congresso Internacional de Diversidade Sexual, Étnico-Racial e de Gênero, de 2021, primeiramente por nos permitir participar apresentando nosso trabalho de pesquisa realizado junto ao PPGSS da UFJF inserido no Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Gênero, Diversidade e Saúde: Políticas e Direitos – GEDIS/CNPq da Faculdade de Serviço Social da UFJF. Também agradeço a ABEH, através das suas presidentas Bruna Irineu e a recém eleita Jaqueline Gomes de Jesus por nos permitir participar deste congresso como co-coordenadora do ST16 – Ofensiva Antigênero, Bolsonarismo e COVID-19. É para nós, enquanto acadêmica travesti preta, um imenso orgulho compor esse congresso. Agradeço também a partilha do Prof. Dr. Marco José Duarte que muito além de orientador, cumpre com excelência as funções de pai, amigo e mentor político. Muito obrigada.

## Referências

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência [tradução Andreas Lieber; revisão técnica Carla Rodrigues]. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019. 138 p.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: Quando a vida é passível de luto? [tradução Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica Carla Rodrigues]. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2019. 288 p.

CARNEIRO, Virgínia Conceição Vasconcelos. A Análise do discurso como instrumento de pesquisa para os estudos em sustentabilidade. In: **Anais do III Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**, Anais eletrônicos. Maringá: ANPAD, 2011. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ81.pdf>>. Acesso em: 07 maio. 2021.

DUARTE, Marco José de Oliveira. **A revisão integrativa**: o que é e como fazer?: Oficina de recuperação da informação científica em bases de dados científicas, 2-30 de out. de 2020. 24 f. Notas de Aula.

EVARISTO, Conceição. **A escrivência serve também para as pessoas pensarem.** [Entrevista concedida a] Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli. Site da Fundação Itaú Social, Polo de Desenvolvimento Educacional, s/p., novembro, 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem>>. Acesso em: 07 maio. 2021.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na sociedade brasileira.** In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada:** análise de objetivos e de roteiros. Disponível em: < [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod\\_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf)>. Acesso em: 03 maio. 2021.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**, Porto Alegre, v. 17, n. 39, p. 203-219. mai./ago. 2017.